

JOSÉ DO PATROCÍNIO: A INCOMPLETUDE DO 13 DE MAIO

Marcos Teixeira de Souza¹

Resumo: A introdução de figuras heroizadas ou mitificadas, se por um lado, possibilita criar uma memória social em torno de um fato histórico; por outro lado tende a esconder a humanidade destas ou de outras, pois o herói e/ou o mito estão em plano maior em relação à realidade, embora dela participe. O 13 de maio permite olhar a luta anti-escravidão como cenário de um embate mais político, uma luta realizada por indivíduos com suas respectivas virtudes e falhas, entre os quais, o abolicionista de José do Patrocínio.

Palavras-chave: José do Patrocínio; Abolição; Zumbi; 13 de Maio; poesia.

Abstract: The introduction of heroic or mystified characters enables to create a social memory around a historical fact, and it intends to hide the humanity these characters, because the hero and/or myth are in higher place about the reality, although they participates its. The 13 May lets look the anti-slavery struggle as political battle, where men act with its virtues and flaws, for exemple the abolitionist José do Patrocínio.

Keywords: José do Patrocínio; Abolition; Zumbi; 13 May; poetry.

Introdução

Em linhas gerais, a história do Brasil colônia se fez em torno do trabalho auferido da mão de obra escrava, predominantemente de origem africana, cuja extensão de mais de três séculos engendrou em nossa sociedade aspectos econômicos peculiares e todo um *modus vivendi*, em que a assimetria nas relações sociais se nos apresentou como um desafio para o desenvolvimento da nação brasileira, que começara a desenhar sua identidade nacional no século XIX.

Naquele momento, a Literatura, tanto ficcional quanto não-ficcional, foi um expressivo canal de veiculação de conteúdos pró ou contra esta disparidade presente na sociedade brasileira, literatura esta estampada, seja nos folhetins ou nas obras literárias, que refletiu posicionamentos ideológicos diversos e, como tais, oferecem aos pesquisadores de

¹ Doutorando em Sociologia – Iuperj, membro pesquisador do Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA. E-mail: prof1marcos@hotmail.com

hoje um mosaico oportuno das perspectivas e expectativas circulantes na sociedade daquele período.

Neste aspecto, considerando também as características dos estilos romântico e realista – os quais respectivamente, segundo Alfredo Bosi (2006), um teria uma proposta voltada para a subjetividade, o nacionalismo, o sentimentalismo exacerbado, o idealismo, entre outros pontos, e o outro estilo se direcionaria seu texto literário para a objetividade, para um determinismo social, evidenciando supostas patologias sociais presentes na sociedade – a Literatura produzida tanto na Abolição quanto nos momentos precedentes a ela, ou digamos assim, à ante-sala deste evento histórico, constitui-se um espaço privilegiado para emoldurar as visões presentes no período, em que o abolicionismo encenou grandes debates em torno do sistema escravocrata no Brasil. A título de exemplificação na Literatura, Bernardo Guimarães, com *A escrava Isaura* (1841); Gonçalves Dias, com *A Escrava* (1846); José de Alencar, com *O Demônio Familiar* (1856); Castro Alves, com *Os escravos* (1883); Fagundes Varela, com *Mauro, o Escravo* (1864); Joaquim Manuel de Macedo, com *As Vítimas Algozes* (1869); Aluísio Azevedo, com *O mulato* (1881); entre outras obras, sintetizam todo um período de discutir, ora implícita, ora explicitamente, a condição da escravidão e do negro no Brasil.

Neste cenário, o presente artigo se propõe a fazer algumas considerações sobre a figura de José de Patrocínio, explorando o poema abolicionista *A José do Patrocínio*, de Guil. Mar, justapondo-o ao 13 de maio de pós-centenário da Abolição e à crescente mobilização do dia 20 de novembro em torno do símbolo Zumbi dos Palmares. Tal poema, que fora publicado no dia 13 de maio de 1888, entre vários panfletos que ganharam as ruas cariocas em festa, dirigira seu louvor ao abolicionista José do Patrocínio, homenageando-o por ser uma das principais vozes ativas na luta contra a escravidão.

Em uma luta, a sobreposição da figura do herói

Heróis e mitos são figuras construídas numa sociedade, não exatamente por toda ela, mas geralmente por grupos sociais dominantes que desejam introjetar na memória social um nome e/ou um acontecimento que lhe sustentem seu domínio sobre outros grupos sociais. Neste ponto, cabe considerar Benjamin (1989), quando diz que “o herói é o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heróica”. (BENJAMIN, 1989, p. 73). Esta visão benjaminiana sobre o herói parece própria para descrever a relevância que esta figura detém na modernidade, ao construir valores referenciais, os quais tendem a ser sujeitos representativos. Em relação uma concepção de mito, é interessante observar o que diz Rossi (2007): *Deve-se pensar o mito, portanto,*

enquanto veículo de informações, uma necessidade das verdades encarregadas da manutenção do status quo das polis gregas e, por analogia, da categoria dos cidadãos. (Rossi, 2007, p.41).

Ocasionalmente, alguns nomes ou eventos, na contramão de um grupo dominante, surgem e geram um embate em torno da construção de determinada memória social, conforme escreve Michael Pollak (1989, 1992). Nas últimas décadas, especialmente, entre os militantes do movimento negro, em um aparente conflito de memórias sociais, entre quem seria o representante do povo afrodescendente, Zumbi dos Palmares é um nome que pareceu e parece emergir das ruas, mais especificamente, da conhecida da Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, ocorrida em Brasília, em 1995, ganhando relevo nas manifestações seguintes o nome do líder do quilombo de Palmares como um legítimo representante negro da luta antiescravista, e como um líder que espelha a força do povo afrodescendente na luta por direitos sociais e por igualdade.

Os três longos séculos que nos separam da morte Zumbi oportunizam fazê-lo um mito, uma figura heróica, ganhando, portanto, contornos rememorativos, próprios àqueles que alçam a condição de mito, olhando para o dizem Benjamin (1997) e Cassirer (1985). Sem dúvida, a figura de Zumbi dos Palmares seria de muito importância para a militância negra atualmente, pois, entre outros pontos, argumentaria a favor da tese de que não havia uma passividade por parte do africano escravizado, desde então, em relação ao sistema imposto.

Talvez por isso, nos últimos anos, seja ampliada cada vez mais na sociedade brasileira, e, especialmente entre a militância negra, carente de mais representatividade no cenário social e político, a figura de Zumbi como o principal símbolo da resistência negra ante a escravidão, embalada na onda do dia da Consciência Negra (20 de Novembro), o qual, em várias cidades e em alguns estados, tornou-se inclusive um feriado. E mesmo naquelas localidades em que não fora introduzida esta data como feriado, tem sido um momento de reflexão e atividades culturais, políticas, sociais no sentido de se pronunciar sobre a situação dos afrodescendentes no país.

O 20 de Novembro passou a contrastar com as comemorações do 13 de maio, ou então, minorá-las, parecendo perder relevância e sentido entre os militantes da causa negra, talvez porque a semântica do 13 de maio esteja deslocada de uma concepção de luta pela libertação advinda do negro escravizado, atuando mais, na memória social, no âmbito de uma suposta passividade, ou de uma reconciliação ofertada. Em geral, o 13 de Maio é visto, por exemplo, nas historiografias nos livros didáticos, como uma cordialidade da princesa, como um favor ao povo escravizado, e não como resultado de uma série de combates e contextos

políticos envolvidos ao Ministério Dantas, Saraiva e Cotegipe, conforme mostram Evaristo de Moraes (1986), José Murilo de Carvalho (1996), entre outros.

Desde modo, assistimos a um despertar na sociedade brasileira no tocante a uma mobilização em torno do 20 de Novembro, ainda que talvez tímido diante das atrocidades cometidas contra os negros, emblemando luta, resistência, oposição, tendo na Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, uma síntese exemplificativa deste despertar e deste aparente engajamento, que se mostra mais comum no dia 20 de Novembro, em detrimento do dia 13 de maio.

Ocorre, porém, que o 13 de maio traz à cena não só a necessidade de rediscutir, tanto nas universidades, como, aliás, já têm sido feito em algumas pesquisas, a luta discursiva e política do negro no afã de liberdade, travada pelos movimentos abolicionistas; bem como a inevitabilidade de problematizar, no cânone literário e historiográfico, o esquecimento de indivíduos representativos no que se refere à luta pela Abolição, como o nome e a obra de José do Patrocínio.

Sobre Patrocínio, bem sintetiza José Murilo de Carvalho, na obra *Campanha Abolicionista*:

O filho do padre João Carlos Monteiro e de sua escrava de 13 anos, Justina Maria do Espírito Santo, nascido em Campos em 1853, conhecido oficialmente como José Carlos do Patrocínio, que era Zeca para os amigos, Zé do Pato para o povo, Proudhomme para os combatentes da abolição, foi um homem complexo que viveu na fronteira de mundos distintos, se não conflitivos. A começar pela fronteira étnica: pai branco, mãe negra, um mulato, como se dizia na época, cor de tijolo queimado, em sua própria definição. Depois, a fronteira civil: mãe escrava, pai senhor de escravos e escravas. A fronteira do estigma social, a seguir: oficialmente registrado como exposto, só mais tarde constando o nome da mãe, nunca legalmente reconhecido pelo pai. Mais: a fronteira entre o mundo interiorano em que se criou e viveu até os 15 anos e o mundo da corte em que exerceu a atividade profissional e política. Ainda: a fronteira intelectual de uma formação superior mas de baixo prestígio, a de farmacêutico, convivendo com a formação dos bacharéis em direito, medicina e engenharia. Por fim, a fronteira entre o reformismo e o radicalismo políticos (CARVALHO, 1996, p. 09)

Tal como Patrocínio, existe uma série de abolicionistas, em especial, os de atuação regional, que merece ser objeto de pesquisa nas universidades e em outros espaços. Muitos dos quais, considerados grandes referenciais à época dos fatos, hoje praticamente estão sepultados na memória social na sociedade brasileira, e até entre os próprios militantes negros.

Tem-se hoje um Zumbi vivo, e muitos abolicionistas esquecidos, praticamente mortos entre os militantes, embora à época ovacionados em poesias, como aconteceu com

Patrocínio. Por certo, há diversas variáveis que colaboram para entender melhor estes esquecimentos.

No que se refere a Patrocínio, entre outros fatores, este abolicionista é uma figura dialética. Representa o herói, e paradoxalmente o anti-herói do povo afro. Herói, porque historicamente foi a voz mais combativa na arena política, jornalística e literária durante a propaganda abolicionista, um homem popular dotado de oratória reconhecida, segundo escrevem seus biógrafos Osvaldo Orico (1953), Magalhães Júnior (1969), Uelinton Farias Alves (2009). E anti-herói, porque encarna no pós-abolição sujeição ao reinado, contra o qual desmedidamente atacou, uma vez que era um trono que mantivera a escravidão por tantos séculos, usurpando a riqueza nacional. Neste ponto, vemos a imagem de Patrocínio ficara à sombra do Isabelismo.

E isso não deveria ser um motivo para que este abolicionista fosse marginado na militância negra. Patrocínio se curvou (se se curvou), de certa forma, fê-lo, no seu entender, em prol do Abolicionismo, pois, entre, de um lado, republicanos, que estavam interessados em compensação financeira do trono por conta da abolição, e, por outro lado, de monarquistas, sobre quem havia dúvidas quanto ao futuro, Patrocínio optara pela gratidão ao ato da princesa. Convém lembrar que Patrocínio reunia em si a inconstância em seu temperamento, conforme bem esclarece Carvalho (1996):

A marca dessas determinações variadas, às vezes contraditórias, combinava-se em Patrocínio com um temperamento apaixonado e explosivo. Momentos de grande cólera eram seguidos de outros de imensa ternura. Sua reconhecida generosidade era tisonada por acusações de desonestidade e venalidade feitas com insistência pelos inimigos. A absoluta coerência e a constância na luta pela abolição não se repetiam em relação a outras causas, como a da República, e com amigos e inimigos. O produto de tudo isto era uma apurada sensibilidade para captar as contradições da época e a capacidade para encarná-las na própria personalidade. Patrocínio era um vulcão de paixões que despertava grandes entusiasmos e grandes aversões. Como ele próprio confessou, falava e escrevia com o coração nos lábios. (CARVALHO, 1996, p. 10)

Todas estas contradições do 13 de Maio devem ser trazidas à luz. Ou seja, há muito que explorar nas contradições, silenciamentos e ocultações em torno do 13 de maio. Promover um apagamento do 13 de Maio é perpetuar a ignorância. Não se trata de querer destronizar a regente Isabel ou entronizar Patrocínio ou quaisquer outros abolicionistas, mas sim de estudar a fundo estes heróis de carne e osso, com seus defeitos e qualidades, que lutaram pela Abolição; bem como de perscrutar os itinerários que nos foram dados como o que seria o 13 de Maio, e se eles são fidedignos à realidade ou à moldura construída para atender a interesses diversos, e contrários ou não a uma militância negra.

A José do Patrocínio: um herói do seu tempo, um desconhecido no esquecimento de nossos tempos

Os panfletos comemorativos da Abolição foram produzidos por vários poetas e intelectuais, nomes consagrados como o de Machado de Assis, Artur Azevedo, entre outros. A maioria destes poemas enaltece a Princesa Isabel, adjetivando-a de *redentora*, *graciosa*, *anjo da liberdade*, etc. Dos 29 poemas que compõem a obra *Panfletos Abolicionistas: o 13 de maio em versos* (2007), dois reverenciam José do Patrocínio, como quem lutou pela Abolição.

Entre estes poemas, o intitulado *A escrava* retrata a drama mulher negra escravizada. Dos abolicionistas, Patrocínio foi quem mais olhou para a situação da mulher negra, sendo este grupo específico muito citado em suas colunas que escrevia em importantes folhetins da época. No romance *Mota Coqueiro ou a pena de morte* (1977), Patrocínio, com a escrava Balbina, protagoniza o sofrimento da mulher negra, movido possivelmente pela condição de ser fruto de um relacionamento entre mãe negra e escrava e clérigo e fazendeiro branco, de quem esta sofria abusos sexuais. Esta condição, somada a outras que vira em sua trajetória familiar e militante, fez de Patrocínio um grande defensor da mulher negra, fato praticamente sem menções entre a militância negra feminina ao longo do pós-abolição e atualmente.

Os biógrafos de Patrocínio, Osvaldo Orico, com *O tigre da Abolição* (1953), Magalhães Júnior, com *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1969), Uelinton Farias Alves, com *José do Patrocínio a imorredoura cor de bronze* (2009), reiteram em suas respectivas obras a intrepidez de Patrocínio no movimento abolicionista. Na comemoração do 13 de Maio, o poema *A José do Patrocínio*, de Guil. Mar expressa a condição feliz de Patrocínio ante a Abolição. Sobre isto, escreve Eduardo Silva (2007):

Um outro poeta, que se esconde sob o pseudônimo de Guil. Mar, compara Patrocínio ao próprio Jesus Cristo. Ele defende a luz da razão e lembra as fortes semelhanças entre a pregação de amor do pálido Jesus e a pregação do negro José do Patrocínio. Mas, enquanto Jesus foi traído e morto na cruz, Patrocínio, com o 13 de Maio, conseguiu a vitória final. (SILVA, 2007, p. 37)

O poema *A José do Patrocínio* coloca este abolicionista na figura de libertador, de um herói. A Abolição não se fez obviamente somente com a atuação de Patrocínio, mas por meio da voz dele o enfrentamento foi mais incisivo, pois Patrocínio era um articulador e defensor do abolicionismo em várias esferas da sociedade de sua época, tendo propagado seus argumentos na imprensa, no meio político e nas ruas. E a rua talvez seja o principal palco onde Patrocínio arrebanhava muitos ouvintes para sua causa, daí, não sem razão, o poeta (ou

pseudônimo) Guil. Mar perfilar Patrocínio como um homem do povo, que apregoa uma causa, como fizera Cristo no deserto da Galiléia. Eis a poesia:

A José do Patrocínio

O pálido Jesus buscava outr'ora
Por entre a multidão da Galiléa
Doze homens de fé que a santa idéa
Prégassem cada dia e cada hora.

Do erro a treda noite se evapora
Fulge a luz da razão p'ra raça hebréa
E qual no lago ostenta-se a nymphéa
Uma estema do povo a fronte implora.

O meio Christo exulta. O povo amado
As palavras de amor tinha escutado,
Mas foi trahido o pallido Jesus.

N'uma cruz expirou! Vil assassino!
Mais feliz do que Christo, ó Patrocínio.
- Da raça escrava tu quebraste a cruz!

Guil. Mar.

Como se vê explicitamente, este poema de Guil. Mar estabelece uma comparação entre Cristo e Patrocínio. Entre o comparante e o comparado há um elemento que os une, a luta contra a opressão, a luta pela liberdade de seu povo. A figura do libertador é forte porque carrega consigo a ideia de congregar em torno de uma pessoa a esperança de mudança, afirmando-se na figura de um herói, que é, no nosso entender, aquele que representa o contraponto de uma realidade, em outras palavras, aquele se põe como uma antítese de uma tese dominante e opressora.

Nas Américas, um nome que tentou projetar-se como uma liderança no afã de buscar liberdade para os latinos, e os unir, foi Simón Bolívar. É sabido que, malgrado esforços, ele não conseguira sintetizar em si este papel. Na América Latina, não à toa, entre várias formas de expressão de um ideário de liberdade, surge a Teologia da Libertação, como uma visão que coloca Cristo como portador de um discurso de libertação, privilegiando – esta teologia – para

aqueles que se encontram em situação de pobreza, opressões sociais, conforme escreve Leonardo Boff (2003). Neste ponto, a figura de Cristo representaria aquele que veio para libertar o povo oprimido. É esta figura de libertador que o poeta parece evocar para Patrocínio, como quem olha para a condição vulnerável do oprimido e para ele se volta em sua ação libertadora dentro de uma sociedade.

Os heróis da mitologia greco-latina primordialmente continham força no corpo. Porém, Jesus e outros líderes considerados libertadores tinham sua virtude no discurso, o qual era acionado para denunciar ao povo as injustiças contra este. Era um herói, em geral, que ascendia do povo e para o povo era, de tal sorte que, pelo discurso, conduzia-o.

Cristo exemplifica um tipo de herói: aquele que olha para o povo, que fala com este, insurgindo, a favor deste, contra uma dominação presente, ante a um desfecho de libertação de aparente impossibilidade. Ao contrário de outros abolicionistas, por exemplo, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio é quem, de certa forma, mais perfila a natureza de uma vida e pregação libertária à semelhança do Cristo. Patrocínio conviveu desde os primeiros anos de vida com os sofrimentos dos negros escravizados. Ao crescer em meio à opressão, introjeta em si esta repulsa pela escravidão. O cenário de Jesus, em meio a romanos e toda sorte de oportunistas ligados ao império, desnuda a dor alheia, que lhe seria a própria dor.

Se por um lado, Patrocínio perfilava um obstinado pela libertação de seu povo, assemelhando-se, neste ponto, a Cristo, este mesmo abolicionista contrastava em relação a Cristo, no tocante à sua inabilidade de lidar com a causa da abolição. Evaristo Moraes (1986), na sua obra *A Campanha Abolicionista (1879 – 1888)*, no capítulo que dedica especialmente a descrever Patrocínio, ressalvados alguns quês de rotulação a que impõe sobre a ‘raça’ negra, perfila o temperamento do abolicionista como um abnegado: *Demais, em nenhum outro propagandista se reuniram, como em Patrocínio, os sintomas característicos do fanatismo, no que eles têm de mais desconcertante.*

Continua então Moraes (1986): *Preso ao limitado ponto de vista da sua idéia fixa, tinha Patrocínio todas as qualidades propulsoras e positivas e todas as qualidades negativas e destruidoras do fanático* (MORAES, 1986, p. 284). Ao longo de sua trajetória de militância, isto fica patente quando são lidas as biografias já mencionadas sobre Patrocínio, identificando nele um ímpeto dos mais elevados, entre todos os partidários da Abolição, não sabendo, por outro lado, muitas vezes, reunir nesta sua coragem um grupo de admiradores permanentes. Sobre isto, sentencia Moraes (1986):

...só enxergava amigos ou inimigos conforme fosse pela ou contra a Abolição. Tudo mais, para ele, era secundário: a família, a amizade, a fórmula política, a gratidão pessoal, a religião. Daí o não poupar, às vezes amigos nem companheiros da

véspera, só porque lhes devesse, individualmente, favores. Arcava com a dura imputação de ingrato, de versátil nas afeições e desafeições. (MOARES, 1986, p. 284)

A imagem de um herói, e aí retomando o poema de Guil Mar, permite-nos problematizar o ponto fraco de Patrocínio: uma falta de maior equilíbrio emocional, ou melhor expressando-se, a carência de uma frieza ou de um saber lidar com o conflito, comum aos heróis.

Considerações finais

O uso da figura Zumbi dos Palmares, como um símbolo e herói do povo negro, em detrimento de Patrocínio e de outros abolicionistas e militantes, parece entrar em cena nas últimas décadas, com o propósito, intencional ou não, de reafirmar um caráter de luta, de resistência, em prol de direitos, liberdade e igualdade, ressentidos entre o povo negro. A construção ou a reconstrução de um herói/mito se apresenta como um símbolo desta luta, que orbita em Zumbi a sede de conquista. O 20 de Novembro passa a ser uma síntese deste movimento de um povo (negro) que marcha junto a seu herói, mitificado pela/na memória social.

O 13 de Maio, por sua vez, parece ser uma data não muito reconhecida entre os militantes negros como dia de resistência, de luta por direitos sociais sonogados herdados do passado escravista. No entanto, esta data poderia e pode ser uma data oportuna para justamente mostrar os silenciamentos em torno da resistência do negro na sociedade brasileira.

O poema de Guil Mar descreve um Cristo vencido e morto na cruz, e um Patrocínio vivo e exultante, portador da libertação de seu povo. Eis aí um paradoxo que se forma para além do poema: mesmo morto, Cristo seria glorificado e lembrado na sua morte; pois com o findar de sua vida, ele oferta vida ao mundo, segundo a crença cristã; e Patrocínio seria um homem vivo na sua vitória, porém morto e sepultado no esquecimento do povo negro e da sociedade brasileira como um todo, logo ser apropriado com o contexto atual o título da obra de Jorge Renato Pereira Pinto, *José do Patrocínio: o Herói esquecido* (2003).

Uma memória social restrita a Zumbi, como herói e/ou mito, tende a omitir relevantes nomes e obras de vários abolicionistas, atuantes regional ou nacionalmente. Cabe considerar que a memória social de um grupo social se prende a determinados mitos, símbolos e heróis, engendrando uma identidade.

É preciso mais do que mitos para o fortalecimento da comunidade negra brasileira e de

todos os brasileiros. Mais do que mitos e heróis, faz-se necessário historiografar homens, de carne e osso, com suas virtudes e desapareços, pois estes melhor demonstram como se deu a luta anti-escravidão no país, lembrando que um dos capítulos muito importantes para o desenvolvimento de uma intelectualidade negra no país deu-se na geração abolicionista, tendo em Patrocínio, um de seus melhores representantes.

Logo, uma repulsa pelo 13 de maio pode ser visto como um equívoco, pois esvazia e descontextualiza um crucial cenário de militância negra pela liberdade. O Isabelismo que escondeu o nome e a obra de Patrocínio e de outros abolicionistas, longe de ser um entrave, torna-se justamente um panorama muito relevante para evidenciar e discutir os porquês do esquecimento destes líderes, não só dos negros, mas de todos os brasileiros, sob pena de se permanecer sob o cenário de um treze de maio incompleto.

Referências

ALVES, Uelinton Farias. **José do Patrocínio: a imorredoura cor do bronze**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Charles baudelare um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1º ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOFF, Leonardo. **Jesus Libertador**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BRUZZI, Nilo. **José do Patrocínio, romancista**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1959.

CASSIRER, Ernst. 1985. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva.

CARVALHO, José Murilo de. **Com o coração nos lábios. Introdução a José do Patrocínio, Campanha Abolicionista**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro, 1996, pp. 9-18.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **A vida turbulenta de José do Patrocínio**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.

MORAES, Evaristo. **A Campanha Abolicinista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

ORICO, Osvaldo. **O tigre da Abolição**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpia Editora, 1953.

PATROCÍNIO, José do. **Motta Coqueiro ou a pena de morte**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/SEEC, 1977.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Panorama da Literatura Afro-brasileira**. Virgínia, Carolina do Norte: Callaloo Revista de Artes e Letras Afro-americanas e a Africanas, v. 18 nº 04, 1995.

PINTO, Jorge Renato Pereira. **José do Patrocínio: o herói esquecido**. Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas. v.2, nº 3, 1989. p. 3-15.

_____. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Cpdoc/ Fundação Getúlio Vargas. vol. 5. nº 10, 1992. p. 200 a 215.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

ROSSI, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho. **Mitologia: abordagem metodológica para o historiador da Antiguidade Clássica**. História. São Paulo, v. 26, nº 1, p. 36-52, 2007.

SILVA, Eduardo. Sobre versos, bandeiras e flores. In: VENÂNCIO, Renato Pinto (org.). **Panfletos Abolicionistas: o 13 de maio em versos**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007.

VENÂNCIO, Renato Pinto (org). **Panfletos Abolicionistas: o 13 de maio em versos.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007.